

A IMPORTÂNCIA DA MULHER NA POLÍCIA MILITAR EM RONDONÓPOLIS

Allana Eva da Silva¹
Jhonatan Esteves Souza
Everson Ferreira
Janaina Soares dos Santos
Gisele de Souza Chiella²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar os relatos por intermédio de entrevistas realizados com diversas praças e oficiais mulheres da instituição Polícia Militar atuantes no 4º Comando Regional Rondonópolis-MT. Assim como apresenta fonte teórica adequada ao assunto, demonstra a capacidade feminina, além de sua suprema importância. Foram analisadas experiências no cotidiano feminino das atividades profissionais, em relação a seus pares homens, mulheres, aos seus superiores e também aos subordinados. A pesquisa buscou mostrar o grau de satisfação das policiais bem como se elas se sentem úteis durante o desempenho de suas funções. Como resultado, tem-se que a valorização de suas atividades é dada pela sua dedicação e local de trabalho.

Palavras-chave: *Mulher policial - policial militar - trabalho.*

ABSTRACT

This article aims to analyze the reports through interviews conducted with various squares and women officers of the Military Police institution operating in the 4th Regional Command Rondonópolis-MT. As has adequate theoretical source to the subject, it shows the female capacity, and its supreme importance. experiences were analyzed in women's daily professional activities in relation to their male colleagues, women, and also to his superiors to subordinates. The research sought to show the degree of satisfaction of the police and if they feel useful during the performance of their duties. As a result, it follows that the value of their activities is given for their dedication and work.

Keywords: *policewoman - military police - work.*

¹ Acadêmicos do Curso Superior de Tecnologia em Segurança Pública - 30º CFSD - Escola Superior de Formação e Aperfeiçoamento de Praças da PMMT.

² Praça da PMMT, Especialista em Direito Constitucional pela Faculdade Anhanguera em Rondonópolis, bacharel em Direito pela Faculdade Anhanguera.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca ressaltar a importância da mulher policial militar dentro da instituição Polícia Militar (PM). As transformações do mundo do trabalho permeiam todas as esferas laborais; no que alude à segurança pública, é claro, não poderia ser diferente. A divisão sexual do trabalho nessa esfera diante de tais transformações acaba por merecer contornos bastante peculiares.

Bourdieu (2002) expõe que a dominação masculina está presente em todas as sociedades e legitima-se no fato de que todas elas se constituem de uma perspectiva androcentrista, já que implica e prescreve a predominância do princípio masculino (ativo) sobre o princípio feminino (passivo). Assim, a dominação masculina é simbólica e caracteriza a banalização da mesma na sociedade, exercendo sobre os corpos um forte poder, sem haver necessidade de força física.

Pois para Bourdieu (2002), cabe aos homens realizar todos os trabalhos perigosos e espetaculares como a matar boi, a lavoura ou a colheita, sem falar da guerra, já as mulheres, pelo contrário, veem ser-lhes atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos.

Porém com o passar do tempo houve mudanças de comportamentos em relação às mulheres, sendo que a maior delas está, sem dúvida, no fato de que a dominação masculina não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível, pois o movimento feminista, em determinadas áreas do espaço social, conseguiu romper o círculo do reforço generalizado.

Os serviços prestados pelas policiais femininas na instituição nem sempre são vistos pela sociedade e até mesmo pela corporação e assim trazendo vários paradigmas para o dia-a-dia na instituição, desmerecendo o seu serviço e sua existência.

A pesquisa consiste numa análise de relatos através de entrevistas realizadas com diversas praças e oficiais mulheres da instituição Polícia Militar de Mato Grosso, mais especificamente das atuantes no 4º Comando Regional Rondonópolis-MT (4º CR), ou seja, por amostra de Rondonópolis, onde atualmente

o efetivo é de 45 (quarenta e cinco) mulheres policiais militares. As mulheres entrevistadas variam em seu posto de graduação desde soldado até 2º tenente e foi acordado que as mesmas não seriam identificadas por seus nomes a fim de proteger suas identidades. Portanto estas serão chamadas ao longo da discussão da pesquisa de Praça¹ PM “A”, “B”, “X”, “Y”, “Z” e Oficial “C”.

Foram analisadas experiências no cotidiano feminino das atividades profissionais, em relação a seus pares homens, mulheres, aos seus superiores e também aos subordinados. A pesquisa buscou mostrar o grau de satisfação das policiais bem como se elas se sentem úteis durante o desempenho de suas funções.

1. O TRABALHO DA MULHER NA INSTITUIÇÃO POLÍCIA MILITAR

Mesmo antes de as mulheres terem seu ingresso aprovado na instituição Polícia Militar já era apresentada a atividade de segurança pública. Segundo Mainardi (2009) os quesitos “*igualmente*” e “*qualidades*” necessárias ao bom policial militar já vinham sendo construídas social e culturalmente, assentadas nas lutas corporais, em conflitos civis, marcados pela violência, morte e pela disputa de poder. Disso tudo, por 148 anos, a mulher esteve excluída, encontrando mais tarde um legado de experiências em que não pode se reconhecer.

É de se dizer que essa segregação de sexos não é exclusiva da instituição Polícia Militar, post que culturalmente as mulheres apresentam um largo histórico de discriminação sofrida, e culturalmente falando até a presente data ainda há diferenciação entre tarefas, salários assim como na convivência em comunidade.

Assim o fato da inserção de mulheres na Polícia Militar traz consigo a sensação da polícia de aproximação, de ampliação e de especialização, levando consigo a intenção de que a polícia está mudando e o ingresso das mulheres nas polícias brasileiras surge como uma tentativa de modificar a visão que se tinha dos órgãos policiais, aquela da ditadura militar.

É possível afirmar que a presença feminina de certa forma suaviza o ambiente, permitindo um olhar mais humano lançado sobre as situações do dia a

dia, contudo, não se deve confundir suavização com tolerância a erros, e muito menos com facilitação, o famoso “jeitinho brasileiro”, contrariamente a figura da mulher esta ligada a confiabilidade, no sentido de ser menos corruptível.

Segundo Calazans (2005), após a era da ditadura militar, o ingresso das mulheres nas Polícias brasileiras surgiu como uma tentativa de modificar a visão que se tinha dos órgãos policiais.

Nesse sentido, atribui-se a mulher maior facilidade em lidar com situações conflitantes, principalmente em atendimento de ocorrências ditas domésticas, como violência contra a mulher, abusos contra crianças e adolescentes, idosos. Entretanto não é somente nessas ocorrências, pois a literatura jornalística esta repleta de atendimento de todos os tipos de ocorrência realizado com maestria por guarnições composta por mulheres.

Importa afirmar a necessidade de visão igualitária entre homem e mulher, independente da função por ela exercida, assim, como previsto na Constituição Cidadã de 1988, pois não se precisa da mulher apenas porque existem ocorrências ditas domésticas, e sim porque a ela deve ser dado e esperado a igualdade, formal e principalmente material.

Para Calazans (2003), o ingresso feminino no ambiente laboral policial-militar encontra sustentação ao ser ilustrado pela pretensão do discurso de que atualmente buscam-se outros valores mais favoráveis com o contexto social atual, como inteligência, a capacidade para intermédio na resolução de conflitos, a inovação e o trabalho em equipe.

Desta forma, conflitam novas situações em que a força física não é fundamental. Na fala da Praça PM A ela ressalta que: “Hoje vivemos novos tempos, onde não só a força física é necessária e sim a inteligência, companheirismo, profissionalismo e esses são adjetivos encontrados em nós mulheres”.

Em “Policimento comunitário e controle sobre a polícia: a experiência norte-americana”, Dias Neto (2000) destaca a descrição da passagem do modelo profissional, dominado pelo tecnicismo, ao modelo comunitário, baseado na cooperação e na integração entre a polícia e a comunidade. E é assim que é visto a

importância de ter na corporação a mulher policial, pois é preciso mudar essa visão de polícia, e em Rondonópolis há uma visão muito ampla em relação a esse tema, pois existe na corporação a presença de várias policiais femininas e a grande procura por mais cargos dentro da instituição, sendo que essas mulheres não estão isoladas a cargos de subordinação, mas está a ponto de oficialato chegando até mesmo a comandar batalhões no Mato Grosso.

Isso traz um grande avanço a essa instituição, pois a sua importância é vital, sendo que por ser uma polícia mais parceira, mais compreensiva e mais legalista, seria contraditório isolar esse gênero da instituição.

Há uma associação entre a profissionalização do trabalho policial e o ingresso de mulheres no aparelho policial militar, uma polícia menos voltada para o uso da força, direcionada para a capacidade estratégica, exigências advindas das transformações pelas quais vem passando o modelo de polícia e o próprio mundo do trabalho. Talvez o importante seja reconhecermos que as mulheres, mesmo como minorias simbólicas, em uma instituição pautada pelo paradigma da masculinidade, introduziram a lógica da diferença, uma vez que produziram desacomodação, desestabilização e desorganização interna nessas instituições, colocando possibilidades de pensar o medo, o risco do ofício de polícia e um questionamento a respeito da ordem estabelecida. (CALAZANS, 2005).

No entanto com essa desestabilização dentro da corporação, onde a classe masculina tende a não querer perder seu posto de dominação, entra em choque em pensar que a mulher esta saindo de seu lugar de dominada para outro de igualdade de ascensão, nesse ponto, parece este ser o maior impacto da inserção feminina na instituição, a introdução da lógica da diferença, no que confere um possível aproveitamento para se pensar em uma nova polícia, no sentido da incorporação da ética da diferença nos currículos e na formação da cultura policial.

Ao mesmo tempo, na carreira de oficiais, a unificação dos quadros – masculino e feminino – é reconhecida como consolidada, contudo, os conflitos das promoções de homens e mulheres e suas alocações mostram que tal atrito é típico desse círculo e mostra-se como uma barreira informal à efetiva inclusão (Calazans, 2005).

Tal atrito é claramente percebido através da fala da Praça PM “X”,

Infelizmente ainda tem muitos militares, aliás, homens, que são ignorantes que acham que mulher tem que ficar atrás do fogão. Então quando deparam com mulheres em atividades que antes eram executadas só por homens, criam barreiras, dificuldades para aceitarem que somos tão capazes e até em muitos casos melhores em algumas funções ou situações.

Nesse sentido, observa-se que o público feminino existente, tem permanecido, ou é encontrado na maioria das vezes desempenhando o serviço administrativo da polícia militar, trata-se de uma realidade vista em vários batalhões do estado, no 4º Comando mesmo, área e objeto foco desse estudo, do total de quarenta e cinco, apenas cinco desempenham a atividade operacional, a demonstrar que as demais estão em outras funções que não a atividade fim da polícia militar.

Vê-se que muitas vezes se trata de uma questão cultural, pois logo nos cursos de formação assim como nas academias já se imprime esse visão, posto que os próprios comandantes assim vão direcionando os efetivos femininos para as áreas administrativas e a fins, além do que várias das mulheres parecem assim preferir, pois ao longo dos anos continuam na mesma função.

Quando se fala em uma polícia mais profissional, direcionada para a capacidade de estratégia, isso tem uma relação com a mulher, pois a presença de mulheres nas polícias ostensivas é o encontro do desejo de tornarem-se donas de seus destinos, buscando estabilidade no mundo do trabalho, o qual se encontrava em franca precarização, associado a um momento de crise e buscas de transformações no ofício de polícia, pois as „novas“ concepções de segurança pública mostravam-se orientadas para os cuidados, prevenções, de mudança de imagem junto à população, e mais burocratizada, encontrando nas mulheres condições necessárias a essa implementação. (Calazans, 2004).

O ingresso das mulheres nos quartéis da polícia militar se deu principalmente a partir da década de oitenta e o seu trabalho inicial se resumia ao atendimento de ocorrências que envolviam mulheres, idosos e crianças. Segundo Mainardi (2005) devido à defasagem de efetivos masculinos em relação ao aumento da população do país, não estar dando conta da demanda de criminalidade facilitou a execução de todas as atividades pelas mulheres, mesmo que em menor número que os homens, dentro da Polícia Militar.

Portanto ainda, Calazans (2004), cita que, as mulheres chegaram às instituições policiais no momento de mutações, precarização, globalização e de “*feminilização*” do mundo do trabalho e encontrou, no interior do aparelho policial militar, uma estrutura vertical, pautada pela divisão hierárquica do trabalho, como um modo e meio totalizante de mediação de relações.

Porém as instituições não estavam preparadas para atender ao público feminino e não possuíam estratégias de mudanças, a estrutura física dos quartéis não atendia às mulheres, pois não possuíam alojamento nem banheiro feminino. A Praça PM “X”, ingressa na PM em 2003, comenta que: “Não atendia à tropa feminina, até hoje obtivemos poucas conquistas: a principal delas é ter um alojamento só feminino”.

Durante a entrevista ao ser questionada se a estrutura dos quartéis atendia à tropa feminina a Praça PM “B” que teve seu ingresso em 2008 respondeu: “Não atendia nada bem. O mínimo que fizeram na época foi improvisar um banheiro feminino (...)”. Mesmo nos dias de hoje faltam muitas melhorias como afirma a Praça PM “Z” - “Ainda falta muito”.

Já a Praça PM “Y” responde que: “Geralmente no CR atende, mas nos interiores nunca”. A Praça PM “B” considera o caso das mulheres com filhos pequenos, apontando algumas melhorias que precisam ser feitas: “Nos dias de hoje melhorou poucas coisas. Ainda não temos um espaço nos quartéis que atenda a policial lactante e sua prole, não há trocadores de bebê, etc.”

Porém a Oficial “C” afirma que: “Na Sede do 4º Comando Regional também há um alojamento feminino, bem como nas demais unidades policiais militares em que eu estive”. Nota-se, portanto que desde a chegada das mulheres na instituição as melhorias na estrutura dos quartéis foram conquistadas conforme o surgimento das necessidades. Essas melhorias não são pensadas e planejadas antecipadamente para o atendimento das policiais femininas.

Vê-se com esses depoimentos que as mulheres, acabam sendo inseridas de forma abrupta na instituição e a partir de então precisam impor suas necessidades dia a dia para que com o passar dos anos tenham algumas atendidas.

2. A ESCOLHA DA MULHER PELA CARREIRA POLICIAL MILITAR

A presença de mulheres nos quartéis de polícia militar se deu no momento de crise, onde havia buscas de transformações no ofício de polícia, pois as novas concepções de segurança pública mostravam-se orientadas para os cuidados, prevenções, de mudança de imagem junto à população, e mais burocratizada, encontrando nas mulheres condições necessárias a essa implementação.

Segundo Calazans (2005) a entrada da mulher nos quartéis se dá principalmente pelo desejo de tornarem-se donas do próprio destino e pela estabilidade no mercado de trabalho, assim como ter um plano de carreira e um salário definido. Essa afirmação é claramente evidenciada na resposta das Praças PM “A” e “Y” ao serem questionadas o que as motivaram para o ingresso na Polícia Militar e as mesmas afirmaram que o motivo foi por ser um concurso público e queriam ser concursadas.

A globalização traz inúmeras possibilidades, mostrando que o universo outrora masculino, pode ser ocupado com maestria pelas mulheres, assim não somente por estabilidade financeira, mas também por status, por influência de parentes e amigos, bem como da mídia, pode-se dizer que as mulheres ingressam em instituições antes totalmente masculinas.

A Oficial “C” evidencia que a decisão de ser uma Policial Militar se deu não só pela admiração da carreira, mas também por influência de amigos,

Meu pai é 2º Sargento do Exército Brasileiro, sempre admirei o militarismo. Quando eu estava no ensino médio, queria ser aviadora da Força Aérea Brasileira ou engenheira Aeronáutica formada no ITA. Assim que concluí o segundo grau, um amigo do meu pai, me apresentou o CFO e me incentivou a fazer parte de uma turma de seu curso que iria prestar o concurso. Assim o fiz, em 2011, e estou na Polícia Militar desde 2012, quando ingressei na Academia de Polícia Militar Costa Verde.

Já a Praça PM “Z” afirma que o motivo foi,

“Sonho de servir as Forças Armadas”. Além do sonho e amor pela profissão a Praça PM B afirma que a estabilidade financeira também ajudou na escolha: “O amor pela profissão, eu sabia que queria ser polícia desde os 14 anos de idade. Vocaçao, estabilidade financeira também ajudaram”.

Porém nem sempre o amor pela profissão e a estabilidade financeira são motivos suficientes para algumas mulheres tomarem a decisão de entrar na carreira policial militar, algumas querem fazer a diferença em um ambiente conhecido por ser masculinizado, para mostrar o valor da mulher buscando a igualdade entre os sexos, exemplo disso é o motivo do ingresso da Praça PM "X": "Ser uma profissional na área de atuação que prevalecia homens, mostrando que a mulher tem a mesma capacidade e desempenho".

Contudo Calazans (2005) afirma que as mulheres que ingressam na PM geralmente desconhecem as características da atividade policial e não imaginam as atribuições que terão pela frente.

E as mesmas para se adequarem a rotina da carreira policial suportam a árdua e longa aprendizagem de se tornarem policiais garantindo o futuro e ser donas de si mesmas e do próprio destino.

A decisão de seguir a carreira militar nem sempre é simples, dependendo somente do querer, há também um fator importante que é a aceitação da família. As Praças PM "A", "Y" e "Z" afirmam que suas famílias sempre as apoiaram: "Sim. Sempre tive apoio da minha família". Porém nem sempre isso acontece, por ser uma profissão perigosa algumas mulheres não são apoiadas por suas famílias. A Praça PM "X" afirma: "Quando ingressei na PM minha família me apoiou apenas minha mãe na época ficou receosa por ser uma profissão perigosa".

Já a Praça PM "B" relata que,

Não, minha família não me apoiou quando escolhi ser policial, na verdade comprei a terceira guerra mundial dentro da minha casa quando fiz essa escolha. Quando ingressei ainda era solteira e não tinha filhos, mas meu marido foi meu namorado na época e ficamos por quatro anos terminados o relacionamento porque ele não aceitava se casar com polícia. Depois de algum tempo na gloriosa polícia militar meus pais e meu marido já sentiam orgulho de me ver nela, mas no começo foi muito difícil.

A oficial "C" também afirma que não teve o apoio da família, devido ser uma profissão perigosa,

Quando eu prestei o concurso, eu tinha 17 anos de idade. Ao conversar com meus pais sobre minha intenção de ingressar na PM, inicialmente eles se opuseram, por acreditarem que era uma carreira muito perigosa. Após muita conversa, eles concordaram e são meus maiores apoiadores desde então.

Portanto ao analisarmos as respostas constatamos que todas as famílias que inicialmente se opuseram a decisão de suas filhas, hoje são as maiores apoiadoras de sua carreira. Essa questão também como alhures afirmado é cultural, posto que provavelmente se fosse um filho a solicitar para a família apoio para o ingresso na carreira militar, receberia mais apoio de pronto, isso porque a instituição ainda é predominantemente masculina à visão que a sociedade tem dela também.

3. VALORIZAÇÃO DO TRABALHO DA MULHER POLICIAL NA INSTITUIÇÃO

Muitas mulheres em todo o Brasil vêm optando pela carreira militar, no Mato Grosso cerca de 10 % das vagas para o concurso da PM são destinadas as mulheres. E infelizmente esse percentual de vagas para o ingresso na Instituição Militar ainda é baseado na afirmativa de que a mulher não possui força nem preparo físico para executar determinadas atividades policiais.

Por esse motivo ainda existem alguns homens que tratam com diferença seus pares que são mulheres, muita das vezes desmerecendo o seu trabalho. Essa afirmação é evidenciada na resposta da Praça PM “B”,

No serviço a mulher só não é desmerecida ainda mais quando ela é a mais antiga da guarnição. A maioria dos policiais homens ainda é muito machista, eles toleram mulheres no serviço porque são obrigados, porque o ingresso delas não depende deles.

Porém ao serem questionadas se as mesmas sentiam diferença no relacionamento diário com seus pares e seus superiores por ser mulher a Praça PM “B” respondeu,

No início sentimos diferenças sim, mas depois que as pessoas da guarnição nos conhecem, passam dar mais autonomia. Em relação aos meus superiores ainda há diferenças, exatamente por serem superior. A Praça PM Z afirma que às vezes há essa diferença: Em relação os pares as vezes sim. E em relação os superiores também.

No entanto a Praça PM “Y” relata que não sente essa diferença: “Graças a Deus já tive problemas com isso, mas hoje onde estou não mais”. Já a Praça PM A afirma que não há diferença no relacionamento diário com seus pares e superiores por ser mulher.

A Oficial “C” compartilha dessa opinião ao dizer,

Não. Sempre fui tratada pelos meus superiores da mesma maneira que eles tratavam meus pares. Quanto aos meus pares, muitos deles têm o costume de me chamarem de “fem” - um hábito adquirido em nossa formação. Fora isso, não sinto diferença no relacionamento diário com eles.

Com isso percebe-se que essa diferença está relacionada ao local de trabalho e ao tempo de serviço. As mulheres devem provar primeiro o seu valor para ganhar a confiança dos seus pares e superiores. Alguns afirmam que as mulheres não são tão competentes para realizar o trabalho de policial, outros ainda dizem que a mulher por ser mais frágil não consegue realizar os mesmos trabalhos que um homem.

Porém ao serem questionadas quais eram as diferenças entre homens e mulheres diante do serviço policial militar a Praça PM “X” responde que: “Nenhuma. A diferença está em você se dedicar ou não ao serviço, isso independe do sexo do policial militar”. Já a Praça PM “Y” afirma que a diferença está na força física: “As diferenças que vejo é em questão de força física, homem tem mais força, só”.

A Praça PM “B” compartilha essa opinião,

A diferença está claramente na força física que um homem pode empregar durante algumas situações de luta corporal em ocorrência e a força física da mulher nessa mesma situação, é sabido por todos que homem é mais forte e sempre será, pois, esta é a sua natureza.

A Praça PM A também afirma: “Somente força, pois técnicas somos todos iguais”. Contudo a Oficial “C” comenta que não deveria haver diferença, pois a formação é a mesma para os dois sexos, ou seja, o conhecimento e a técnica adquiridos são os mesmos, portanto tanto homens quanto mulheres são capazes de

exercerem qualquer função dentro da Instituição Polícia Militar, seja na área operacional ou na área administrativa. Porém na prática não é isso que acontece em Rondonópolis, a Oficial “C” ainda relata que mais da metade do efetivo feminino do 4º CR desempenha suas funções no setor administrativo, seja por se identificarem mais com a área ou por designação de seus superiores.

Porém quando as mulheres policiais trabalham na área operacional, em algumas situações não desempenham certas atribuições que sua graduação exige, esse fato é confirmado pelo exemplo que a Oficial C relata,

Quando há um soldado PM e um sargento PM em uma viatura, quem vai dirigindo é o sargento, e a soldado executa a função de comandante. Na maioria das vezes o mais antigo prefere dirigir, devido ao fato de a mais moderna não ter muita prática dirigindo viatura. No entanto, isso só ocorre quando a mais moderna é uma policial militar feminina. De certa forma, é cultura que a policial não dirija, ainda que ela queira. Também há aqueles casos em que a mais moderna prefere não dirigir.

No entanto, foi um pré-requisito que o candidato ao concurso para a Polícia Militar tivesse Carteira Nacional de Habilitação. Sendo assim, se está no serviço operacional e sua graduação exija que ela seja a motorista, que ela dirija. Ela ainda afirma que esses são alguns dos aspectos que devem ser analisados e mudados para que não haja diferença de tratamento entre homens e mulheres na instituição.

No entanto mesmo que haja diferença no tratamento das mulheres em relação aos homens seria de se esperar que as mesmas não sentissem que seu trabalho não fosse valorizado, porém somente as Praças PM “Z” e “B” não acham que seu trabalho seja valorizado. Já as outras mulheres entrevistadas afirmam que são valorizadas em seu trabalho e isso se dá principalmente pela dedicação ao trabalho, essa afirmação está evidenciada na fala da Praça PM “X”: “Sim, toda função que já desempenhei na instituição sempre fui valorizada.]

Porque sempre me dediquei e executei meu trabalho com afinco e dedicação, contribuindo assim para o bom andamento do serviço, seja ele operacional ou administrativo”. Ao ser questionado por que a Praça PM “Y” sente

ser valorizada a mesma responde: “Porque meu chefe sempre elogia o pessoal do setor”.

Porém a Praça PM “B” afirma que não se sente valorizada no exercício de sua função, pois desempenha um trabalho preventivo com a sociedade e muitos não reconhecem o seu esforço, a afirmação é constatada em sua fala: “trabalho no programa rede cidadã, atendemos crianças e adolescentes que estão em situação de vulnerabilidade, risco social e até mesmo ato infracional.

A própria polícia militar não reconhece isso como serviço de polícia, mais de 90% de toda a tropa não conhece a grandeza do nosso trabalho e mais ainda os brilhantes resultados que conquistamos.

Nosso trabalho é 100% preventivo. Mas, aos olhos da maioria nós não deveríamos fazer „serviço de assistência social “. Então acham que porque não somos vistos atendendo ocorrência não estamos trabalhando, acham que ficamos nos escondendo etc.

E por isso não reconhecem nosso esforço diário para que aquela criança tenha uma oportunidade de crescer na vida e não escolha o caminho do crime.

No entanto a Oficial “C” afirma que todos são valorizados, não importa a função que exerça na instituição,

Atualmente, eu atuo tanto na área operacional (Oficial CPU), quanto na área administrativa (Assessora de Marketing). No que tange à valorização, tanto a atividade meio quanto a atividade fim são essenciais para o bom andamento da instituição como um todo. E acredito que esse seja o pensamento da maioria dos Oficiais da PMMT. Por isso, independente da função que o militar exerça na instituição, ele estará sendo valorizado, ainda que não de maneira explícita. Então sim, sinto que meu trabalho é valorizado”.

Porém é visto que o sentimento de valorização esta relacionado ao tipo de atividade desempenhada dentro da instituição. E mesmo que sem essa valorização é sabido que hoje nos casos de violência contra mulher, crimes contra grupos vulneráveis e outros, incentivou muito para que as vítimas procurassem ajuda

desde que as delegacias foram ocupadas por mulheres policiais, pois a imagem de uma polícia voltada mais para o cidadão, mais parceira, já está dando seus resultados positivos. E isso é o que a Praça PM B deixa claro ao finalizar a entrevista,

A Polícia Militar evoluiu muito após o ingresso das mulheres em 1984. Não conseguiríamos imaginar hoje, a Polícia Militar sem as mulheres, o seu trabalho faz muita diferença para a sociedade. O tratamento de uma mulher sempre será diferente do tratamento de um homem e essa junção serve melhor a toda sociedade. Pois nossa missão é servir e proteger. Assim como dentro de uma família o homem tem seu papel e a mulher também tem o seu.

Com isso nota-se uma evolução muito grande na instituição em relação às mulheres, pois as mesmas provaram ser indispensáveis para a Polícia Militar no desempenho de suas funções.

Vale lembrar que a policial feminina desempenha algumas atividades que não são atribuídas aos homens como lembra a Oficial “C”,

Ao meu ver, o principal diferencial da policial feminina é o fato de que, via de regra, apenas uma mulher pode realizar a busca pessoal em outra mulher, conforme preconiza o Art. 249 do Código Processual Penal. É perceptível que tem aumentado o número de mulheres envolvidas em crimes. Em Rondonópolis, mulheres estão praticando roubos em posse de armas de fogo, estão traficando entorpecentes, etc. Não são todos os turnos de serviço em que há uma policial militar feminina que possa dar o suporte para a busca pessoal em mulheres, o que prejudica o serviço preventivo. Sendo assim, acredito que o potencial da policial militar no serviço operacional deveria ser explorado; o ideal é que houvesse uma policial por companhia, em todos os turnos de serviço, de modo que o apoio em abordagens fosse o mais rápido possível.

Portanto mesmo que as mulheres tenham conquistado seu espaço na instituição, percebe-se que ainda há muito que melhorar, principalmente no tocante à igualdade de valores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ingresso das mulheres na Polícia Militar, um ambiente que outrora era considerado inteiramente masculino, trouxe grandes mudanças para a instituição. Essas transformações são vistas tanto na estrutura quanto na organização do ambiente de trabalho, devido à valorização da inteligência, inovação e a capacidade de resolver conflitos, qualidades estas encontradas na natureza da mulher.

A valorização do trabalho esta relacionada principalmente a dedicação às funções realizadas, mas também nota-se que o local de atividade influencia na visão que seus pares têm sobre as mulheres.

Porem observa-se que, deve haver uma conscientização da sociedade e também principalmente com a tropa masculina dentro da corporação, mudando consigo esse estigma que tem sobre a policial feminino, que desvaloriza o seu trabalho e a sua existência, pois com a evolução da sociedade, a mulher policial dentro da instituição é indispensável, contando que a criminalidade dentro do grupo feminino na sociedade aumentou, e conforme preconiza a legislação, a busca pessoal nesse grupo, tem que ser feita preferencialmente pela policial feminino, onde que os demais policiais, ficam isolados nesse contexto.

Contudo ao ser analisado as respostas das policiais femininos a respeito da estrutura da instituição e a valorização do trabalho em relação aos seus pares e superiores nota-se uma divergência nas respostas.

Portanto pode-se dizer que há uma diferença de pensamento entre as próprias mulheres policiais, e através da pesquisa não foi identificado qual é a razão dessa divergência de pensamento. Com isso ficam pistas para pesquisas futuras, dando continuidade a presente pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: BERTRAND, 2002.

CALAZANS, Márcia Esteves de. **A constituição de mulheres em policiais: um estudo sobre policiais femininas na Brigada Militar do Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado) – UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Porto Alegre, 2003.

_____. **Mulheres no policiamento ostensivo e a perspectiva de uma segurança cidadã**. São Paulo, 2004.

_____. **Polícia e gênero no contexto das reformas policiais: um estudo sobre percepções de Violências em Comunidades Atendidas pelo Programa Saúde da Família**. Artigo publicado em La Salle - Revista de Educação, Ciência e Cultura, 2005.

DIAS NETO, Theodomiro. **Policiamento comunitário e controle sobre a polícia: a experiência norte-americana**. São Paulo: IBCCRIM, 2000.

MAINARDI, Diva Maria Oliveira. **A formação da mulher para se tornar policial militar em Mato Grosso**. Dissertação (Mestrado) – UFMT, Programa de Pós-Graduação em Educação e Educação na Área de Concentração Educação, Cultura e Sociedade. Cuiabá, 2009.

_____. **As Mulheres que Usam Estrelas na Polícia Militar de Mato Grosso (1994-2002)**. Cuiabá-MT. Carlini & Carniato, 2005.

MATO GROSSO, Polícia Militar de. **Estatuto dos Militares Estaduais**. Disponível em: http://www.pm.mt.gov.br/informativo/arquivo/2015/dgp/estatuto_dos_militares_estaduais_co_mparado.pdf. Acesso em: 01/08/2016.